



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, LITERATURA E ARTES – DLLARTES
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

CASSIANE DOS SANTOS ALCÂNTARA

RESISTÊNCIAS POÉTICAS E HUMANIZAÇÃO EM CONTORNOS
CONFESSIONAIS: NOTAS MELANCÓLICAS DA LÍRICA DE ROBERT LOWELL

Alagoinhas

2022

CASSIANE DOS SANTOS ALCÂNTARA

**RESISTÊNCIAS POÉTICAS E HUMANIZAÇÃO EM CONTORNOS
CONFESSIONAIS: NOTAS MELANCÓLICAS DA LÍRICA DE ROBERT LOWELL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literatura, Departamento de Linguística, Literatura e Artes – *Campus II* – da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Barreto Júnior.

Alagoinhas

2022

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Biblioteca Carlos Drummond de Andrade – Campus II
Rosana Cristina de Souza Barretto
Bibliotecária – CRB 5/902

A347r Alcântara, Cassiane dos Santos.

Resistências poéticas e humanização em contornos confessionais:
notas melancólicas da Lírica de Robert Lowell./ Cassiane dos Santos
Alcântara – Alagoinhas, 2022.

31f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do
Estado da Bahia. Departamento de Linguística, Literatura e Artes.
Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literatura.

Orientador: Prof.º Dr.º Manoel Barreto Júnior.

1. Robert Lowell, 1917-1977 - Crítica e interpretação. 2. Poesia
americana. 3. Melancolia na literatura. I. Barreto Júnior, Manoel. II.
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Linguística,
Literatura e Artes - Campus II. III. Título.

CDD 811

RESISTÊNCIAS POÉTICAS E HUMANIZAÇÃO EM CONTORNOS CONFESSIONAIS: NOTAS MELANCÓLICAS DA LÍRICA DE ROBERT LOWELL

*Cassiane dos Santos Alcântara*¹

RESUMO: Nas sociedades atuais, em seus fluxos e constantes movimentos, a poesia já não é mais tão percebida entre os indivíduos; aspecto que nos faz pensar numa suposta desarmonia entre a poesia e as práticas sociais. Assim sendo, desse tensionamento diário, entre a rudeza e a selvageria do cotidiano e a capacidade estética da palavra poética, o homem se reconecta com o mundo – pelo lento e contínuo processo de humanização. Por esse olhar, a presente pesquisa articula a resistência poética por meio da humanização através de notas de melancolia, como elemento lírico, em perspectivas confessionais, expressas na dicção poética de Robert Lowell (1917-1977). Nesse sentido, objetiva-se investigar como a melancolia aciona aspectos da humanização e, conseqüentemente, a potencial resistência poética da escrita confessional de poemas selecionados do livro *Life Studies* de Robert Lowell. Para tanto, a metodologia bibliográfico-documental é ampara para o desenvolvimento desta pesquisa, de abordagem qualitativa que empenha em sua fundamentação teórica os seguintes pensadores: Bosi (2000), que norteará a discussão sobre resistência poética; Candido (2010), cujas reflexões sobre humanização são muito bem-vindas; Freud (2016) e Santos (2009), que trarão contribuições importantes referentes à melancolia; Nelson (2013) e Phillips (1973), que consideram sobre os aspectos estéticos da poesia confessional. Por fim, os resultados evidenciam que os traços melancólicos da poética de Lowell funcionam como resistências poéticas e confessionais salutares para o próprio entendimento humano e do mundo - em suas constantes transformações.

Palavras-chave: Poesia confessional. Processo de humanização. Robert Lowell. Melancolia.

ABSTRACT: In today's societies, in its fluxes and constant movements, poetry is no longer so perceived among individuals; aspect that makes us think of a supposed disharmony between poetry and social practices. Therefore, from this daily tension, between the rudeness and savagery of everyday life and the aesthetic capacity of the poetic word, man reconnects with the world - through the slow and continuous process of humanization. From this perspective, the present research articulates poetic resistance through humanization through notes of melancholy, as a lyrical element, in confessional perspectives, expressed in the poetic diction by Robert Lowell (1917-1977). In this sense, the main goal is to investigate how melancholy triggers aspects of humanization and, consequently, the potential poetic resistance of Robert Lowell's confessional writing in selected poems of his book: *Life Studies*. To this end, the bibliographic-documentary methodology supports the development of this research, with a qualitative approach that engages the following thinkers in its theoretical foundation: Bosi (2000), who will guide the discussion on poetic resistance; Candido (2010), whose reflections on humanization are very welcome; Freud (2016) and Santos (2009), who will bring important contributions regarding melancholy; Nelson (2013) and Phillips (1973), who consider the aesthetic aspects of confessional poetry. Finally, the results show that the melancholic traits of Lowell's poetics work as salutary poetic and confessional resistances for human understanding and the world itself - in its constant transformations.

Key words: Confessional poetry. Humanization process. Robert Lowell. Melancholy.

NOTAS INTRODUTÓRIAS: ONDE TUDO COMEÇA

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Linguística, Literatura e Artes (DLLARTRs II) da Universidade do Estado da Bahia. e-mail: cassissi10@gmail.com

Na nossa sociedade competitiva estamos sempre em constante movimentos, a fim de alcançar nossos objetivos e nos mantermos aptos tanto profissionalmente, como em outros aspectos da nossa vida. Nesses movimentos diários, deixamos pouco tempo para a contemplação da beleza da vida, do outro, de nossa existência e, por conseguinte, a presença do poético é cada vez mais comprometida entre nós. Em tempos como estes, a poesia precisa resistir, utilizar-se de estratégias que a permita estar presente na nossa vida. Ante tais perspectivas, essas estratégias envolvem a humanização, pois a poesia pode trazer o indivíduo de volta a si, lembrando-o de sua capacidade de reflexão, de percepção de beleza, de penetrar e pensar sobre as vicissitudes da vida, bem como, lembrá-lo das suas necessidades mais básicas como dormir e amar.

Em vista disso, essa pesquisa empenha com os temas tais quais: resistência poética e humanização, relacionando-as à melancolia, vista aqui como possibilidade de ser um elemento lírico na dicção lírica do poeta estadunidense Robert Lowell - relacionada a poesia confessional. Assim, a presente pesquisa articula a resistência poética por meio da humanização através de notas das representações da melancolia, como elemento lírico, em perspectivas confessionais, expressas na lírica de Robert Lowell (1917-1977).

Sob este olhar, nossa inquietação leva-nos a seguinte pergunta: como a representação melancólica na lírica do poeta Robert Lowell revela aspectos do processo da humanização, como resistência poética na sociedade contemporânea?”. De tal modo, objetivamos, investigar como a melancolia aciona aspectos da humanização e, conseqüentemente, a potencial resistência poética da escrita confessional de Robert Lowell. Em vista disso, nas páginas seguintes desse artigo, apontaremos como a poesia resiste na sociedade contemporânea e como a humanização por meio da melancolia pode ser uma estratégia de resistência poética; além disso, discutiremos sobre alguns aspectos conceituais da melancolia, bem como, mostraremos como ela é forjada na dicção poética de Lowell. Adiante, também analisaremos as características do estilo confessional na poesia de Robert Lowell relacionando-as a expressão da melancolia como aspecto salutar de base confessional.

Para a realização dessa investigação foi necessário saber o que já tem sido dito sobre os temas aqui articulados. Nesse sentido, os trabalhos de Alcântara e Barreto Júnior (2019), Assunção e Barreto Júnior (2018) e Barreto Júnior (2014) trouxeram importantes contribuições que ajudarão a respaldar esse trabalho. Embora nosso objeto de pesquisa, outrora citado, se aproxime dos objetos dos referidos trabalhos, ele é diferente e se justifica pela continuidade no debate referente às questões trabalhadas, a partir de um outro poeta. Para tanto, além da revisão de literatura, alguns autores também foram base para essa pesquisa, tais

quais Bosi (2000), que versa sobre resistência poética; Candido (2010), que discute acerca da humanização; Freud (2016) e Santos (2009) que trazem contribuições e reflexões sobre a melancolia; bem como, Nelson (2013) e Philips (1973) que desenvolvem considerações sobre o poesia confessional e ainda Bauman (2011), que nos ajuda a entender a sociedade contemporânea, dentre outros teóricos que serão trazidos ao longo da pesquisa. Por conseguinte, esses são os principais autores que fundamentarão essa pesquisa, porque trazem em seus trabalhos argumentações, reflexões, considerações e informações que se relacionam intimamente com cada categoria conceitual que rodeia o objeto de estudo desta pesquisa.

Devido a isso, a abordagem metodológica que esse trabalho adota é qualitativa, pois tem enfoque em compreender como os fenômenos estudados acontecem, busca explicá-los, trabalha, conforme aludem Gerhardt e Silveira (2009), com o universo de significados. Quanto a modalidade, nossa pesquisa é, bibliográfico-documental, pois analisamos os poemas presentes no livro *Life Studies* (2007), de Robert Lowell, obra essa que nos serve como fonte primária de pesquisa e que não tem, a princípio, esse fim receptivo analítico, mas sim estético. Entendemos, ainda, sua face bibliográfica, pois de acordo com Medeiros (2017, p. 36) esse tipo de pesquisa “significa o levantamento da bibliografia referente ao[s] assunto[s] que se deseja estudar.” exatamente o que fizemos aqui. Em virtude disso, esse artigo será dividido em seções e subseções que faz relacionar as categorias conceituais entre si, a fim de subsidiar os aspectos analíticos dos poemas.

Diálogos teóricos: de poética e melancolia

Essa seção busca atender nosso primeiro objetivo específico e parte dos outros dois. Portanto, na primeira subseção – (Des)caminhos poéticos e outros olhares – discutiremos como a poesia resiste em uma sociedade na qual os indivíduos estão cada vez mais atarefados, explicando como a humanização por meio da ressignificação de sentimentos estados considerados negativos, sobretudo a melancolia, pode ser uma forma de resistência poética na segunda fase da modernidade – a contemporaneidade. Na segunda subseção – Significações da melancolia e suas articulações poéticas – explicaremos os aspectos conceituais da melancolia para que possamos entendê-la antes de analisar suas representações nos versos. Por fim, na terceira subseção – De melancolia à poesia confessional: intercruzamentos – iremos destacar as características da poesia confessional para que adiante possamos observar como essas características se revelam na poesia de Robert Lowell e como ela se relaciona com a melancolia.

(Des)caminhos poéticos e outros olhares

De acordo com Heidegger (1949, p. 307. Tradução nossa), “a poesia é a linguagem primitiva de um povo histórico”². Conforme o teórico, os homens nomearam os deuses e o mundo surgiu. Aliado a esse pensamento, Bosi (2000, p. 163) alude que o poder de nomear é “fundamento da poesia” e “o poeta é o doador de sentido”. Tais ideias remetem a Grécia antiga, na qual, poetas como Homero e Hesíodo contavam, através dos versos, a história dos deuses, da criação do mundo e do homem. Assim, com base em Bosi (2000, p. 164), a poesia era “o rito e as palavras sagradas que abriam o mundo ao homem e o homem a si mesmo”, porque mostrava sua origem, quem ele era, trazia sentido à vida humana. O sentido é importante para a humanidade pois, como afirma Paz (2012), não toleramos a carência de sentido e tudo que o homem toca é tingido de intencionalidade, de significados. Desse modo, através da poesia, o poeta contava a história de um povo, os deuses se manifestavam, a origem do mundo tornava-se conhecida, logo, a poesia integrava-se à sociedade, porque através dela havia sentido na existência.

No entanto, a sociedade ocidental mudou com o tempo e com isso o lugar destinado à poesia diminuiu, porque já não era mais ela que dava significado a vida do ser humano. Dessa forma, como afirma Bosi (2000, p. 165), “a poesia há muito [tempo] que não consegue integrar-se, feliz, nos discursos correntes da sociedade”. Esse teórico explica que o desenvolvimento da ciência, os discursos ideológicos, a divisão do trabalho manual e intelectual que caracterizaram a sociedade ocidental moderna foram alguns dos responsáveis por essa segregação entre poesia e sociedade. De certo modo, o encanto que a poesia exercia sobre os indivíduos ao mostrar sua origem, de onde vieram, porque, para que e para onde iriam, agora era explicado por outros fenômenos. Dessa forma, outros valores, padrões, conceitos, regras e códigos passam a dar sentido à existência humana, muitos dois quais, na contemporaneidade, devido ao estágio da modernidade no qual nos encontramos, são escolhidos pelos próprios indivíduos.

Com base no que escreveu Bauman (2001), a modernidade, tanto em seu estágio anterior, quanto no atual – o estágio líquido ou fluído, contemporâneo – possui certas características tais quais: velocidade, produtividade, competitividade e modernização. Características que influenciam a vida do homem moderno. De tal modo, em sua obra “Modernidade líquida”, o autor afirma que a modernidade começou quando a relação entre tempo e espaço mudou. Todavia, nos períodos pré-modernos era preciso esperar o intervalo

² “Poetry is the primitive language of a historical people”. (HEIDEGGER, MARTIN. Existence and Being. Henry Regnery company: 1949, p. 307).

das passadas humanas ou movimento dos animais para chegar a um determinado lugar. Na modernidade, porém, a rapidez da locomoção, através da tecnologia dos meios de transportes artificiais muda a relação entre tempo e espaço, de forma que a velocidade passa ser característica desse tempo. Ainda, conforme Bauman, esse período, principalmente no estágio líquido, é definido pela busca incessante pelo novo e aperfeiçoado - em nome da competitividade e produtividade. Por conseguinte, os indivíduos nunca estão satisfeitos, sempre há algo a alcançar, a melhorar.

Dentro desse cenário, nessa sociedade da modernidade fluida as pessoas estão em constante movimento e ansiosas em busca de uma autorrealização que parecem nunca alcançarem. Ser moderno, de acordo com Bauman (2001), passou a significar ser incapaz de parar, incapaz de ficar parado. Desse modo, os indivíduos contemporâneos seguem velozes atrás de seus objetivos, para se manterem aptos, fisicamente, produtivos e competitivos profissionalmente. Contudo, a velocidade dos tempos modernos, não favorece o estado poético, porque a poesia demanda, como aludem Assunção e Barreto Júnior (2018, p.3), “uma leitura mais aprofundada e reflexiva” relacionada ao pensamento de longo prazo, que por sua vez, como afirma Bauman (2001), requer pausa e descanso. Consequentemente, esse constante movimento dos tempos modernos dificulta a reflexão sobre a vida, dificulta a observação cautelosa da beleza à nossa volta, deixando, pois, raros momentos para a presença do lírico em nossas vidas.

Assim perspectivada, a poesia, como afirma Paz (2012, p. 21), é “experiência sentimento, emoção [...]”. Isso significa que ela pode ser forjada em poema mediante a esses elementos, mas também pode os proporcionar. Por meio da participação, ela permite ao leitor viver a experiência poética, que diz respeito a recriar ou reviver o poema por meio da leitura ou da recitação. Por esse olhar, o leitor entra em contato com o outro revelado no poema, outro tempo histórico – ao ler uma poesia clássica, por exemplo – outra voz – o eu do poema, que dependendo do estilo da obra pode trazer traços autobiográficos evidentes do poeta – e outro mundo, como na poesia mítica.

Todavia, além do contato com o outro, o leitor encontra na obra aquilo que já tem dentro de si: “Os jovens leem versos para melhor expressar ou para conhecer seus sentimentos, como se só no poema as nebulosas, pressentidas feições do amor, do heroísmo, ou da sensualidade pudessem ser vistas com nitidez.” (PAZ, 2012, p. 32). Nesse sentido, através do poema pode-se entender com mais nitidez o que se sente, um poema pode trazer a clareza das ideias, o afinamento das emoções. Portanto, a experiência poética revela o outro ao leitor, bem como, ele a si mesmo, levando-o até mesmo ao estado poético, momento, no

qual, o leitor é influenciado, embebecido, transmutado por ela, rompe os muros de seu tempo histórico sem sair dele. Essa transmutação, transformação, oferecida pela experiência poética se refere a mostrar ao ser humano aquilo que ele é, suas capacidades enquanto ser social que se desenvolveu historicamente para além da mecanicidade do cotidiano presente, de modo que a poesia como toda forma de “arte soergue o ser social a um patamar privilegiado, que mesmo estando imerso em seu cotidiano, ele é alçado em um processo catártico, conectando-se ao mais elevado nível de humanidade.” (SANTOS, D., 2017, p. 354).

Entretanto, para se ter tal experiência, é preciso se deixar ser tocado pela poesia, dispor tempo e atenção para ela, porque experiência, conforme Bondía (2002, p. 21), “é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Porém, o sujeito dessa era, de acordo com o autor, está em constante atualização e transformações, na medida em que possui uma formação permanente e acelerada, é um sujeito que não pode perder tempo, porque o utiliza como um valor ou como mercadoria, e, por isso, já não o tem. Dessa forma, em prol da correria diária, negligenciamos até nossas necessidades básicas como comer, dormir e amar, bem como, nossa capacidade de penetrar nos problemas do mundo à nossa volta e refletir sobre eles, deixando, assim, de lado, inclusive, até nosso lento e contínuo processo de humanização. Assim, pouco nos deixamos ser tocados pela poesia, tanto quando ocorre independente da vontade humana, na beleza das paisagens, o que Paz (2012) chama de poético, quanto quando expressa pela mão do poeta, quando forja seus versos. Isso acontece, como explicam Alcântara e Barreto Júnior (2019, p. 2), porque “já não temos mais tempo, ou não sabemos utilizá-lo para contemplar à vida em suas constantes transformações”.

É nesse cenário hostil que a poesia tenta resistir. Logo, como bem articula Bosi (2000, p.164), daí vem as saídas difíceis, através das quais ela perdura, tais quais: “o símbolo fechado, o canto oposto à língua da tribo, antes brado ou sussurro que discurso pleno, a palavra-esgar, a auto desarticulação, [...]”. Portanto, a poesia abre seu caminho através de estratégias. Dessarte, a poesia resiste, conforme Bosi (2000), quando se apresenta mítica falando do sonho; da infância; da natureza, lembrando ao homem que ele faz parte dela, e por isso, tem necessidades naturais – “as carências primárias” – como o sono, a comida e o amor, humanizando-o em constância contínua. Além disso, resiste quando se apresenta crítica aos valores vigentes através da sátira ou da paródia, por exemplo. Outrossim, é quando fala dos afetos, das confissões e sentimentos humanos que mais uma vez lembram ao homem quem ele é. Conseqüentemente, como estratégia de resistência, ela utiliza também da humanização. À vista disso, a poesia tem a capacidade de nos trazer de volta a nós mesmos. Porque,

conforme Paz (1996, p. 47), “o poema nos faz recordar o que esquecemos: o que somos realmente.”.

Afloradas tais questões, a humanização, para Candido (2010) é o processo que confirma ao ser humano traços essenciais, como, por exemplo “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (CANDIDO, 2010, p. 180). Para o autor, a literatura possui três faces humanizadoras – visto que a poesia aliada à linguagem se torna um poema, essas reflexões também dizem respeito a ela. A primeira face humanizadora é à sua forma, organização, estrutura; a segunda é a expressão, os sentimentos, as emoções e visões de mundo de indivíduos e de grupos; por fim, a terceira diz respeito ao conhecimento contido na mensagem que influencia os indivíduos conscientemente e inconscientemente. Para esse autor, a literatura é um bem imprescindível à vida humana, porque garante nossa integridade espiritual nos humanizando e a ausência dela, segundo ele, traria a desordem pessoal ou frustração mutiladora. Assim sendo, a poesia, como uma das formas de literatura tem sua relevância diante do processo de humanização e o utiliza para se manter presente na vida dos sujeitos modernos.

Sob tais perspectivas, uma vez que a poesia resiste quando vai contra os valores vigentes, quando fala dos afetos, das confissões e sentimentos humanos, ela também pode se utilizar, como discutem, Alcântara e Barreto Júnior (2019) e Barreto Júnior (2014) da resignificação de sentimentos e estados humanos associados ao negativo como estratégia de resistência. Nesse sentido, a poesia, aliada a linguagem, vai na contramão dos valores da sociedade – mesmo aqueles valores escolhidos pelos indivíduos – mas dá ao homem aquilo que ele precisa. É isso que ocorre quando a poesia se utiliza de sentimentos e estados humanos que muitas vezes podem ser associados ao negativo devido às suas características ou ao que significam; mas que podem levar os indivíduos a reflexão sobre o mundo e sobre si. Ela consegue influenciar os sujeitos a pensarem na sua individualidade, mas indo além dela, sabendo que os outros indivíduos também vivem tais estados e sentimentos que fazem parte da existência humana, lembrando-os que são mais do que seus empregos, ofícios, obrigações, que são mais do que o quanto podem ser produtivos ou aptos.

Por fim, a associação com o negativo, que alguns sentimentos e estados possuem, está relacionada ao que Assunção e Barreto Júnior (2018), chamam de “peso da palavra”, que advém do significado que algumas palavras têm para a sociedade. É esse peso que faz com que os falantes as evitem ou as ignorem. Esse também é o caso da melancolia, que é

frequentemente associada a dor, ao sofrimento e a tristeza. Porém ela, como outras palavras, chamadas por Barreto Júnior (2014), de palavras destroços, por serem rejeitadas, podem levar o indivíduo leitor a refletir sobre os problemas a sua volta e seus próprios problemas, analisar seu tempo histórico e o tempo do poema por meio da identificação com o eu lírico e com o assunto, pois como afiança Santos (2009), independentemente do local que fale, a melancolia refere-se às vicissitudes da existência humana sobre a Terra.

Assim, o leitor pode ser ele e ser outros, assim como as palavras na obra são o que são, mas podem assumir diversas significações. Portanto, ao ressignificar, a poesia abre seu caminho e permanece presente na vida do homem contemporâneo, levando-o a pôr em prática os traços essenciais aferidos pela humanização, a reflexão sobre o mundo, a percepção da beleza, a penetração dos problemas da vida, que envolvem a si e ao outro, trazendo significação a sua vida para além dos valores contemporâneos de velocidade, produtividade e aptidão.

Significações da melancolia e suas articulações poéticas

Como afirma Santos, E., (2009, p. 22) a presença da melancolia “vem se registrando em estudos representantes das diversas áreas do conhecimento [...] especialmente [n]a literatura” de modo que é possível estabelecer pontos de diálogos entre esse signo e a literatura. Em vista disso, é exequível conversar diferentes campos do conhecimento, como psicanálise, filosofia – nas quais os conceitos sobre melancolia são formulados – com a poesia, pois essas áreas possuem um ponto em comum: versam sobre temas relacionados ao humano. Dessa forma, traços relativos à melancolia podem ser substratos líricos identificáveis em versos poéticos. Sendo assim, faz-se necessário entender as possíveis significações da melancolia, sentimentos relacionados a ela, bem como, suas características antes de se estabelecer a análise desse elemento poético nos versos.

Como alude Lima (2017), a melancolia admite abordagens bem distintas. Isso porque é um tema que vem sendo trabalhado ao longo da história. Portanto, devido a tantas possibilidades de significação, escolheu-se duas abordagens teóricas para esse trabalho, tanto a melancolia freudiana, por meio das considerações de Freud (2016), como a melancolia como fruto da consciência de finitude e lembrança de um paraíso perdido, através das reflexões de Bento, (2008) e Santos, E., (2009). Além disso, conta-se também com as observações dessa última sobre os sentimentos correlatos a melancolia com o objetivo de entender o sofrimento do estado melancólico. Embora as posições teóricas, que aqui serão explicadas, sobre o que é melancolia sejam distintas, elas convergem em algumas questões: a

dor, o sofrimento, a perda, e o vazio. Isto posto, ambas as argumentações são relevantes, pois associam a melancolia ao negativo, o que tem relação com nosso posicionamento explicitado anteriormente.

No ensaio, “Luto e melancolia”, Freud (2016), compara os dois estados que dão nome à obra. Ele explica que durante o estado de melancolia se experimenta um doloroso sofrimento, no qual o ego do indivíduo está ligado a um objeto ideal, afetando a autoestima. Essa diminuição dos sentimentos de autoestima, é, muitas vezes, expressa através de auto insultos e autorrecriminações revelando o empobrecimento do ego, sendo, pois, o que diferencia o luto da melancolia. Outro detalhe que merece comparação entre eles são as suas causas. Segundo Freud (2016), tanto o luto, quanto a melancolia, podem ser causados por uma perda. No caso do luto, isso se refere, geralmente, a morte de uma pessoa querida. Contudo, há, na melancolia, conforme Freud (2016, p. 210), a possibilidade de ser causada por uma perda mais ideal, que não envolva a morte: “O objeto não é algo que realmente morreu, mas que se perdeu como objeto de amor (por exemplo, o caso de uma noiva abandonada)”. Além disso, o processo é inconsciente: “Isto nos levaria a relacionar a melancolia com uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente.” (FREUD, 2016, p. 210.).

Isso significa dizer, que é possível ter acontecido uma perda real, porém não causada por morte, como por exemplo, o fim de uma relação, no entanto, não é essa perda real, em si, que causa a melancolia, mas as questões ideais, inconscientes, em volta dela, por exemplo cada expectativa, sonho, lembrança não refletida, bem como, o amor não correspondido que pairam no inconsciente. Por esse olhar, ainda que o melancólico saiba que houve uma perda real – quando alguém importante saiu da sua vida, por exemplo – não sabe identificar, explicar, o que foi perdido de natureza ideal nisso. É esse objeto ideal ao qual o ego se liga e então se torna empobrecido, vazio, e luta contra si mesmo, resultando no rebaixamento da autoestima e no auto envilecimento. Todo esse processo causa ao indivíduo dor emocional, sofrimento e revolta. No que tange a revolta, isso ocorre porque diferente do luto a melancolia envolve situações de desconsideração, desprezo e desapontamento:

Os motivos que ocasionam a melancolia ultrapassam na maioria das vezes o claro acontecimento da perda por morte e **abrangem todas as situações de ofensa, desprezo e decepção** através das quais pode penetrar na relação uma oposição de amor e ódio. (FREUD, 2016, p. 215. Grifos nossos).

Nesse sentido, uma ofensa, decepção, ou desconsideração – traição, abandono, rejeição – causa sentimentos de revolta, raiva e tristeza. Devido a isso, tomando o exemplo da

noiva abandonada de Freud, a pessoa amada que causou esses sentimentos deve ser esquecida, no entanto, o sujeito melancólico, nesse caso a noiva, não consegue desvincular-se completamente porque existem questões inconscientes relacionadas àquela pessoa e que ainda estão vivas dentro do melancólico. Logo, ao invés de emocionalmente deixar de amar a pessoa, os sonhos, expectativas e lembranças relacionadas a ela, o ego da noiva se apega a essas coisas de modo não refletido e então a revolta que deveria ser direcionada a pessoa amada é direcionada ao próprio ego. Dessarte, na tentativa inconsciente de punir esse objeto incorporado ao ego o melancólico se auto degrada dando a impressão, como ressalta Freud (2016), de que foi ofendido, desconsiderado, tratado de forma injusta.

Diante de tais características, a melancolia se trata de um sofrimento penoso, doloroso, “uma ferida aberta” (FREUD, 2016, p. 216). O que nos mostra que o indivíduo está com o seu emocional abalado. A tal significação, adiciona-se o que Santos, E., (2009), chama de correlatos da melancolia: tristeza, nostalgia e angústia, que nos ajuda a entender o sofrimento do melancólico. Segundo a autora, esses sentimentos convergentes são sintomas num quadro em que a melancolia é a causa. Além disso, desespero, dor, e desconforto também são associados a melancolia:

Esse sujeito em curso da melancolia, mesmo antes de despontar à cena da história na roupagem estilhaçada da modernidade, é já atravessado pela pecha do **desconforto, do desespero e da dor, emblemas da afetação melancólica e, por sua vez, da condição humana.** (Santos, E., 2009. p. 22. Grifos nossos)

Logo, um indivíduo que está em um estado melancólico está sofrendo, ele se sente triste, angustiado, desconfortável, às vezes, desesperado e com uma forte dor emocional. Quando trazemos a melancolia para a literatura e identificamos um eu lírico que descreve ou aponta para esses correlatos melancólicos é um forte indício de que há traços de melancolia naquela obra. Quando a poesia fala de uma possível traição, rejeição ou abandono, podemos observar a desconsideração que causa revolta e influencia o desenvolvimento da melancolia. Desse modo, é possível encontrar um sujeito poético em sofrimento, irritado, além de triste. Da mesma forma, o poema pode apontar também, para a representação de um objeto ideal, o amor e todas as expectativas em volta dele que de fato causam a melancolia, bem como, a expressão da baixa autoestima do eu do poema quando se mostra culpado, moralmente desprezível, dentre outras representações.

Afloradas tais questões, a outra abordagem a ser desenvolvida diz respeito a melancolia como fruto da consciência de finitude e lembrança de um paraíso perdido. Esse posicionamento faz referência de forma metafórica ao mito ovídico da idade do ouro, bem

como, a história bíblica do Éden. Conforme, Silva (2018), Ovídio escreve sobre quatro idades, entre elas a idade de ouro, na qual tudo era bom e perfeito sob o governo de Saturno. Eram tempos de paz e respeito, no qual a fartura reinava, a terra produzia sem que fosse necessário ser arada. Semelhantemente, na história bíblica do Éden o homem é criado a imagem de Deus, vive na inocência em completa harmonia com a natureza. Entretanto, em Ovídio, o governo passa das mãos de Saturno para as de Júpiter e aquele é jogado no tártaro, ficando apenas “o vazio de uma era de abundância, completude e proteção.” (SANTOS, E., 2009, p. 29). Do mesmo modo em Gênesis, após ser expulso do paraíso devido a desobediência, o homem experiencia toda sorte de males.

Essas referências ao mito e história bíblica, traduz o sentimento de nostalgia do melancólico a um lugar ou tempo ideal, no qual vivenciava-se o sentimento de completude e harmonia com a natureza, consigo e com o outro em contraposição ao tempo presente. Bento (2008, p. 68) explica que “é comum na linguagem melancólica a referência do contraste entre o passado de inocência e esperança, e um presente marcado pela perda das ilusões.” Isso significa que o melancólico recorda um lugar ou tempo passado que possuía mais encanto, harmonia e equilíbrio. Um lugar ou tempo anterior de beleza e inocência, do qual resta a saudosa lembrança e não se pode voltar, ficando apenas a sensação de vazio, da falta, a tristeza e o desencanto frente a realidade: “na representação dessa ruptura, que o fez triste e desencantado, o melancólico imagina ter vivido num lugar-tempo ideal (ilha, pátria, infância) do qual foi banido pelas duras injunções da realidade, retomando o mito do paraíso perdido.” (BENTO, 2008, p. 68).

A ideia do paraíso perdido se conecta a consciência da finitude. Posto que uma época boa se passou, o melancólico tem ciência da efemeridade da vida, e que, também passará, pois se aproxima da morte. Por esse olhar, Santos, E., (2009), entende a melancolia como sendo, a consequência do saber do ser humano sobre sua finitude: “falar em melancolia implica, antes, considerar a perspectiva da morte; o humor melancólico como saldo da consciência da finitude — a condição negativa elevada à potência da dor.” (SANTOS, E., 2009, p. 21). Isso significa dizer que o conhecimento da morte, mesmo sem a experienciar, angustia o homem, traz dor, desconforto, pois sabe que cada dia confirma que sua finitude está próxima e não há nada que possa fazer para impedir.

No entanto, Santos, E., (2009) defende que essa dor, esse desconforto, implicados pela melancolia, podem ser utilizados como inspiração lírica, de forma que a melancolia serve ao canto, ou seja, a poesia. Nesse sentido, o homem, pode aproximar-se da sua dor melancólica em um gesto contemplativo, como matéria de criação. Assim, na tentativa de se manter

imortal, de transcender a sua finitude, de dar sentido a sua vida preenchendo os vazios que a “perda do paraíso” lhe tirou, o homem cria o herói do mito, o eu do poema, a arte, pois da dor pode brotar inspiração para a criação, sendo, portanto, força motivadora da produção artística, na tentativa de expurgar o que se sente. Além disso, a melancolia também pode ser assunto para a arte, porque, como comenta Paz (1996, p. 120), “O poema acolhe o grito, os trapos vocabulares, a palavra gangrenada, o murmúrio, o ruído [...]” Logo, em ambos os casos, a melancolia é possibilidade de criação e nisso ela se relaciona intimamente com a poesia. Portanto, na próxima seção veremos as possíveis relações da melancolia com a poesia confessional.

De melancolia à poesia confessional: inter cruzamentos.

Phillips (1973), em seu livro *The confessional poets*, afirma que existem poetas cujas emoções expressas nas suas poesias são sempre fiéis aos seus próprios sentimentos e que as opiniões que exprimem em suas obras nascem da profunda convicção pessoal. O trabalho desses poetas, de acordo com o crítico, é chamado de confessional. Por consequência, a poesia confessional se caracteriza pela subjetividade, nasce da experiência vivida do poeta, é, conforme Philips (1973), expressão da personalidade e não um escape dela. Por esse ângulo, esse tipo de poesia é constituído por sentimentos, vivências e informações autobiográficas dos seus autores.

Contudo, como bem nos adverte Philips (1973), nem tudo que o poeta confessional atribui ao “eu do poema” é, necessariamente, verdadeiro do ponto de vista autobiográfico, pois, por vezes, o eu do poema, representa a voz da humanidade falando através dele e não a voz do poeta. Isso significa que nem sempre, mesmo que a poesia seja considerada confessional, será possível achar relação autobiográfica direta, no que se diz respeito aos fatos narrados na poesia, com a vida do autor. Isso porque esse tipo de poesia usa o eu como um símbolo poético em torno do qual é tecida uma mitologia pessoal, misturando aspectos reais e ficcionais relacionados a vida do poeta, mas que permitem ser universalizados, pois podem acontecer com outros seres humanos.

Os temas sobre os quais esse tipo de poesia versa, bem como, sua linguagem, de acordo com Philips (1973), são raramente bonitos. Exemplificando, os temas podem ser: atrocidades de guerra, suicídio, loucura, dor, angústia, fracasso pessoal, dentre outras questões que focam no lado doloroso, angustioso e considerado feio da vida. Consequentemente, os personagens representados estão muitas vezes desbalanceados e aflitos. Aliada a essa visão, Nelson (2013) explica que a poesia confessional traz assuntos como fracasso conjugal,

infidelidade e demais dramas familiares, doenças mentais, drogas, abuso de álcool, vulnerabilidade e degradação do corpo. Quanto a linguagem, essa poesia é escrita no linguajar comum, pouco formal, e como alude Nelson (2013) há uma crueza na forma de escrever, algo que dialoga com o que Phillips diz sobre a linguagem usada não ser bonita muitas vezes.

Além dessas características, a poesia confessional pode ser, terapêutica ou purgativa. Isso porque a poesia pode ser um modo de expurgar o que se sente, pensa ou vivencia: “Toda arte confessional, poesia ou não, é um meio de matar as batidas que estão dentro de nós, esses terríveis dragões de sonhos e experiências que devem ser caçados, encurralados e expostos para serem destruídos.” (PHILLIPS, 1973, p. 2. Tradução nossa). Nesse sentido, a poesia confessional pode ser uma forma de se desfazer de um problema e colocar para fora um objeto que possui uma acepção negativa. Desse modo, o que se sente ou vive torna-se material lírico poético ao passo que transmuta poeta e leitor.

Não obstante, a poesia confessional também pode ser torturadora porque o Eu lírico revela perspectivas sobre si dolorosas. O que para uns pode ser forma de se libertar do sofrimento, para outros é sofrer de novo, é auto culpar-se e ao se expor de forma tão íntima, esse eu do poema, permite-se ser julgado e punido e como alguns desses ângulos trazidos possuem aspectos autobiográficos do poeta ainda que de forma mitológica, com elementos ficcionais, ele também se permite ser julgado.

Devido a tais características da poesia confessional apresentada nessa seção observamos que ela possui íntima relação com a melancolia. Isso porque os assuntos sobre o qual se debruça focam no lado negativo da vida, e como já explicitado, por causa de suas associações, peso e significados, a melancolia se encontra nesse polo negativo podendo ser matéria lírica tanto como motivador de sua escrita – quando o poeta escreve com base na sua dor – tanto quando assunto – quando aparece metaforizada nos versos por meio de seus correlatos ou outras características associadas.

Sendo assim, a melancolia serve de esteio confessional quando o eu-lírico se mostra culpado, angustiado, triste, revoltado, tanto consigo mesmo – suas próprias atitudes – quanto com outrem ou com a vida, podendo, nesse último caso, desvelar-se saudosos em relação a um tempo ou lugar anterior ao que se escreve. Logo, ambas as abordagens sobre a melancolia pode estar presente na poesia confessional. Veremos, pois, adiante como isso acontece na obra de Robert Lowell por meio das análises dos poemas.

Poesia, confissão e melancolia: aspectos analíticos

Life Studies, coleção de poemas objeto dessa investigação, foi publicado primeiramente na Grã-Bretanha pela *Faber & Faber* em 1959. Depois, no mesmo ano, saiu a versão americana pela *Farrar, Straus & Cudahy* que incluía o ensaio autobiográfico em prosa chamado “*91 Reverse street*”. Além do ensaio, o livro possui 23 poemas e é dividido em quatro partes, três delas com poemas e uma delas, a segunda, com o ensaio. Premiada com o *National Book Award* em 1960, essa obra é uma das mais importantes e influentes do poeta americano nascido em Boston, Robert Lowell, e marca a entrada do autor para o estilo “confessional”. Esse termo, foi cunhado pelo crítico literário M.L Rosenthal ao escrever a resenha “*Poetry as confession*” em 1959 sobre *Life studies* categorizando-o como poesia confessional. Afloradas tais questões sobre o livro, passaremos a análise de seus poemas.

As análises dos poemas foram feitas de forma qualitativa. Observamos, pois, os poemas, cujo discurso poético transparece traços de melancolia, que, por sua vez, é discutida como um elemento discursivo poético em diálogo com a psicanálise de base freudiana. Dialogamos também com a expressão melancólica por meio da consciência de finitude humana e da lembrança de um paraíso perdido. À vista disso, conseguimos observar traços desse último aspecto no poema *Beyond the Alps*. Esse é um dos quatro poemas da primeira parte de *Life studies*, possui quatro estrofes. Foi inspirado na viagem que Lowell fez na década de 50 para a Europa, na qual visitou Roma e Paris. Vejamos alguns versos do poema:

Beyond the Alps

*Reading how even the Swiss had thrown the sponge
in once again and Everest was still
unscaled, I watched our Paris pullman lunge
mooning across the fallow Alpine snow.
O bella Roma! I saw our stewards go
forward on tiptoe banging on their gongs.
Life changed to landscape. Much against my will
I left the City of God where it belongs.
[...]*

*When the Vatican made Mary’s Assumption dogma,
the crowds at San Pietro screamed Papa.
The Holy Father dropped his shaving glass,
and listened. His electric razor purred,
his pet canary chirped on his left hand.
The lights of science couldn’t hold a candle
to Mary risen—at one miraculous stroke,
angel-wing’d, gorgeous as a jungle bird!
But who believed this? Who could understand?
[...]*

*Our mountain-climbing train had come to earth.
Tired of the querulous hush-hush of the wheels,
the blear-eyed ego kicking in my berth
lay still, and saw Apollo plant his heels
on terra firma through the morning's thigh ...
each backward, wasted Alp, a Parthenon,
fire-branded socket of the Cyclops' eye.
There were no tickets for that altitude
[...]
Minerva, the miscarriage of the brain.*

*Now Paris, our black classic, breaking up
like killer kings on an Etruscan cup.*

(LOWELL, 2007, p. 7)

Esse poema traz características do contexto histórico e cultural no qual Lowell viveu, bem como, revela seus sentimentos já vacilantes em relação a fé católica, de forma que, na segunda estrofe do poema, o poeta parodia a proclamação realizada em novembro de 1950 pelo papa Pio XII do dogma da assunção de corpo e alma de Maria ao céu. De acordo com Hamilton, I., (2011), Lowell se torna católico em 1941, não obstante, em 1946 ele abandona a igreja, mas em 1949 volta a ser católico. Porém, sai novamente da igreja católica e em 1955 ingressa na igreja episcopal.

Entre saída e entrada na igreja ele escreve em 1952, de acordo com Hamilton, S., (2007), a primeira versão de *Beyond the Alps*³, e, mais tarde, o revisa modificando-o para publicá-lo em *Life Studies*. Devido a isso, observamos uma crueza, característica da poesia confessional, ao falar da proclamação da assunção criticando que o que se propõe já não é condizente com os valores modernos pautados pela razão: “*The lights of science couldn't hold a candle /to Mary risen*”, bem como, não faz sentido e nem possui explicação: “*But who believed this? Who could understand?*”.

Entre aspectos contextuais parodiados e sentimentos pessoais do poeta, a melancolia é representada nessa obra como resultado do paraíso perdido. Esse poema traz de forma metafórica uma viagem de Roma – a cidade de Deus, da igreja, da herança dos mitos gregos – à Paris, cidade da França, país do Iluminismo, da Revolução Francesa, da razão, de importantes mudanças culturais, sociais e históricas – simbolizando transições de valores e crenças pelas quais a sociedade ocidental passou. Transformações essas que a voz do poema não parece muito satisfeita em vivenciá-las: “*Life changed to landscape. Much against my*

³ Esse poema teve outra versão publicada entre 1953 e 1954 antes da versão de *Life Studies*, inclusive Lowell o modificou mais uma vez publicando-o em *For the Union Dead*.

will/I left the City of God where it belongs”. Nesse caminho, o eu lírico se revela nostálgico, louvando um tempo e lugar passado que sabe que não voltará: “*O bella Roma!*”, contrastando-o com a nova realidade, “*Now Paris, our black classic, breaking up/like killer kings on an Etruscan cup.*” pois entende que a vida passa e muda de paisagem como em uma viagem.

Por causa dessa transição de paisagem a voz do poema parodia os valores remanescentes de um tempo anterior, o tempo de Roma, expressando que eles já não são condizentes com a era moderna da razão e da ciência, mas, que mesmo assim, ainda arrastam as multidões: “*When the Vatican made Mary’s Assumption dogma/ the crowds at San Pietro screamed Papa*”. A paródia é uma estratégia de resistência poética, é o “canto paralelo”, segundo Bosi (2011) e nesse poema observamos que o eu lírico vai na contramão da multidão, pois enxerga a mudança e falta de sentido entre contexto e valores remanescentes, que não possuem razão ou explicação.

Apesar dessa crítica, a voz do poema se revela saudosista a um período no qual contexto e valores eram convergentes. Então, traz aspectos do sonho e do mito: “*the bleary-eyed ego kicking in my berth/ lay still, and saw Apollo plant his heels/on terra firma through the morning’s thigh*”. Assim, o eu lírico nos faz entender que, embora não se possa mais voltar ao passado – ao tempo da relação do homem mais próxima de Deus ou dos deuses – é possível se aproximar dele de forma nostálgica através do sonho. É como se o eu do poema nos lembrasse que houve um tempo, no qual, havia harmonia entre práticas sociais, seus contextos, crenças e valores, no qual o homem parecia estar em equilíbrio consigo e com os deuses e não precisava se mostrar alienado à realidade porque ela era condizente com o que se acreditava, havia encanto. É nesse saudosismo do paraíso perdido, como explicitado anteriormente, que a melancolia está presente.

Outro poema que traz traços representativos da melancolia enquanto lembrança de um paraíso perdido, porém, relacionado a consciência da finitude é *My Last Afternoon with Uncle Devereux Winslow*. Foi escrito entre meados de agosto e outubro de 1957. Possui quatro partes, dez estrofes e 141 versos. Devido a sua extensão apenas algumas partes serão expostas aqui. Esse é um poema fortemente pessoal, no qual Lowell põe elementos da sua infância – como querer passar mais tempo com o avô, bem como, algumas brincadeiras e observações infantis; elementos que podem ser verificados nas estrofes abaixo. Por conseguinte, por meio das vivências do poeta, o eu lírico revela uma infância tranquila e feliz, no seio familiar. Portanto, no primeiro momento – na primeira e segunda parte do poema – identificamos a inocência infantil que ainda não se deparou com a finitude humana: “*No one had died there in*

my lifetime ...". A fazenda representa esse paraíso, no qual o menino brinca e fantasia, como se ver a seguir:

My Last Afternoon with Uncle Devereux Winslow

(1922: the stone porch of my Grandfather's summer house)

I.

*"I won't go with you. I want to stay with Grandpa!"
That's how I threw cold water
on my Mother and Father's
watery martini pipe dreams at Sunday dinner.
... Fontainebleau, Mattapoissett, Puget Sound....
Nowhere was anywhere after a summer
at my Grandfather's farm.
Diamond-pointed, athirst and Norman,
its alley of poplars
paraded from Grandmother's rose garden
to a scary stand of virgin pine,
scrub, and paths forever pioneering.*

*One afternoon in 1922,
I sat on the stone porch, looking through
screens as black-grained as drifting coal.
Tockytock, tockytock
clumped our Alpine, Edwardian cuckoo clock,
slung with strangled, wooden game.
**One of my hands was cool on a pile
of black earth, the other warm
on a pile of lime.***

[...]

What were those sunflowers? Pumpkins floating shoulder-high?

It was sunset, Sadie and Nellie

[...]

*The farm, entitled Char-de-sa
in the Social Register,
was named for my Grandfather's children:
Charlotte, Devereux, and Sarah.*

No one had died there in my lifetime ...

[...]

I sat mixing black earth and lime.

II

I was five and a half.

[...]

***My perfection was the Olympian
poise of my models in the imperishable autumn
display windows***

*of Rogers Peet's boys' store below the State House
in Boston. Distorting drops of water
pinpricked my face in the basin's mirror.
**I was a stuffed toucan
with a bibulous, multicolored beak.***

[...]

(LOWELL, 2007, p. 65-67. Grifos nossos)

Todavia, esse passado de inocência em relação a finitude humana é perdido. Na quarta parte, a voz do poema narra suas memórias sobre um jovem tio, que logo morreria da doença de Hodgkin. Essa parte é rica de elementos biográficos de Lowell e de seu tio. Através desses detalhes pessoais o eu do poema confessa seu desespero, sentimento correlato da melancolia, por meio do medo “*I cowered in terror.*” Dessa forma, o menino amadurece – “*I wasn't a child at all*” – conscientiza-se de que o ser humano é finito e, por isso, haverá uma perda futura e nada pode fazer para evitá-la: “*Come winter,/Uncle Devereux would blend to the one color.*”

Sob tal perspectivas, a criança entende que, independentemente de sua escolha, o inverno, que simboliza a morte, virá. E ele trará tristeza, dor, e angústia representadas por meio da ausência de cor. Então, resta ao eu lírico adulto se aproximar de sua dor, tristeza e desespero de um modo contemplativo. Assim a melancolia nessa poesia, expressa como perda do paraíso e consciência da finitude, se torna força de criação e substrato poético como se pode ver a seguir:

IV.

[...]

My Uncle was dying at twenty-nine.

[...]

I cowered in terror.

I wasn't a child at all—

*unseen and all-seeing, I was Agrippina
in the Golden House of Nero....*

[...]

Uncle Devereux stood behind me.

He was as brushed as Bayard, our riding horse.

His face was putty.

[...]

He was animated, hierarchical,

like a ginger snap man in a clothes-press.

He was dying of the incurable Hodgkin's disease....

[...]

*Come winter,
Uncle Devereux would blend to the one color.*

(LOWELL, 2007, p. 67-69. Grifos nossos)

Outrossim, no que tange a melancolia como produto da consciência de finitude humana, o poema “*Home After Three Months Away*” capta em seus versos essa perspectiva melancólica. O poema foi escrito em 1958. Em janeiro deste ano Lowell teve mais um colapso, fruto do transtorno maníaco-depressivo que o acompanhava desde 1949. Ficou internado no Hospital *McLean* e em meados de março, por já estar melhor, foi autorizado a passar os fins de semana com a família, a segunda esposa Elisabeth Hardwick e a filha Harriet. Esses elementos biográficos em relação ao seu transtorno aparecem nos versos “*Is Richard now himself again?*” e “*Cured, I am frizzled, stale and small*”. O poema em questão evidencia os sentimentos do poeta quanto ao afastamento de sua família por ocasião da doença e apresenta uma cena afetuosa entre pai e filha – o banho da bebê Harriet, então com dois anos:

Home After Three Months Away

[...]

*Three months, three months!
Is Richard now himself again?
Dimpled with exaltation,
my daughter holds her levee in the tub.
Our noses rub,
each of us pats a stringy lock of hair—
they tell me nothing's gone.
Though I am forty-one,
not forty now, the time I put away
was child's play. [...]*

*a choreman tends our coffin's length of soil,
and seven horizontal tulips blow.
Just twelve months ago,
these flowers were pedigreed
imported Dutchmen; now no one need
distinguish them from weed.
Bushed by the late spring snow,
they cannot meet
another year's snowballing enervation.*

*I keep no rank nor station.
Cured, I am frizzled, stale and small*

(LOWELL, 2007, p. 90-91. Grifos nossos)

Mediante as vivências de Lowell, o eu lírico explicita – nos versos expostos, principalmente aqueles que estão em negrito – sua dor, devido as marcas que o tempo lhe imprime, “*I am frizzled, stale and small*”, e que indicam a efemeridade da vida humana. Por esse olhar, o eu do poema lamenta ter passado três meses longe da pessoa que mais ama, sua filha, e ainda que as pessoas a sua volta lhe digam que ele não perdeu nada, “*they tell me nothing's gone*”, se pergunta o que deixou de vivenciar enquanto estava fora se tratando, pois diante da brevidade da vida, entende que estar envelhecendo, ao passo que sua filha estar crescendo rápido, esse contraste entre juventude e amadurecimento expressam a consciência do eu lírico de sua finitude e demarca a presença da melancolia. O eu do poema observa que assim como ele, tudo a sua volta transforma-se e perece, como ocorre com as flores, e por isso é necessário aproveitar os momentos simples com quem se ama.

Assim, essas três poesias indicam traços de melancolia que se envolve de forma simbólica e metafórica com as lembranças, fatos sentimentos e perspectivas autobiográficas de seu autor. Dessa maneira, podemos ver dentro das poesias a relação que a melancolia possui com a poesia confessional, pois, algumas perspectivas doloridas nascidas da vivência do poeta – como a perda do tio e da inocência em relação a morte, o afastamento da família devido a sua doença e a insatisfação com o contexto cultural, social e histórico – tornam-se matéria lírica que exprime a melancolia, através das quais a voz do poema confessa sua dor, tristeza e desespero, revelando a melancolia tanto como aspecto motivador de criação poética, como assunto sobre o qual versa a poesia. Desse modo, essas poesias são terapêuticas e purgativas, porque por meio da palavra poética o sujeito poético expurga sua dor melancólica se aproximando dela de forma contemplativa, como substrato poético.

A poesia confessional também pode ser torturadora e nisso ela dialoga com a melancolia freudiana. Isso porque diante de confessar seus possíveis erros, dores, revolta e tristeza o sujeito poético sofre permitindo-se ser julgado e punido, e como, muitas vezes, essa “confissão” do eu lírico é envolta por aspectos biográficos do poeta, ele também se permite ser julgado por um leitor. Essa perspectiva de melancolia é encontrada nos versos do poema “*The Banker's Daughter*”. Esse poema é concluído em 1953 e, segundo Hamilton, I., (2011), foi iniciado provavelmente no final de 1952 quando Lowell estava em Roma. No início da década de 50 o poeta viajou pela Europa com Hardwick e visitou a França, cenário de parte do poema:

The Banker's Daughter

(Marie de Medici, shortly after the Medici, shortly after the assassination of her husband, Henri IV. Later she was exiled by her son and lived in a house lent to her by Rubens.)

*Once this poor country egg from Florence lay
at her accouchement, such a virtuous ton
of woman only women thought her one.
King Henry pirouetted on his heel
and jested, "Look, my cow's producing veal."*

*O cozy scuffles, soft obscenities,
wardrobes that dragged the exchequer to its knees,
cables of pearl and crazy lutes strung tight —
O tension, groin and backbone! Every night
I kicked the pillows and embroidered lies
to rob my husband's purse. [...]*

*Alas, my brutal girlish mood-swings drove
my husband, wrenched and giddy, from the Louvre,
to sleep in single lodgings on the town.*

*He feared the fate of kings who died in sport
Murder cut him short —
a kitchen-Knife honed on a carriage-wheel.*

*[...]
Ring, ring, tired bells, the King of Fance is dead;
who'll give the lover of the land a bed?
My son is adding inches in his sleep.
I see his dimpled fingers clutch Versailles.
Sing lullaby, my son, sing lullaby.
I rock my nightmare son, and hear him cry
for ball and sceptre⁴; he asks the queen to die....*

*[...]
moment to moment. By repeated crime,
even a queen survives her little time.
You too, my husband. How you used to look
for blood and pastime! If you ever took
unfair advantages by right of birth,
pardon the easy virtues of the earth.*

(LOWELL, 2007, p. 9-10. Grifos nossos)

Nesta poesia, Lowell propõe que seu sujeito poético seja Marie de Medici – descendente de uma importante família de banqueiros, rainha da França, esposa do rei Henrique IV e regente após a morte do marido, porque o filho mais velho do casal, Luis XIII, ainda era muito pequeno. O casamento de Marie e Henrique IV era tenso e conturbado devido

⁴ Lowell usou a palavra francesa de *scepter*.

as brigas do casal ocasionadas pelas traições do marido que não eram aceitas por Medici e das quais ela se ressentia. Lowell parece trazer nessa poesia, sobre a máscara da história de uma outra pessoa, as conturbações dos seus dois primeiros casamentos – o poeta se casou três vezes. O primeiro casamento, com a romancista Jean Stafford, durou de 1940 até 1948. Havia brigas constantes e Lowell chegou a agredir a esposa quebrando seu nariz. O seu segundo casamento – época que escreveu esse poema – foi de 1949 até 1972 com a escritora e crítica Elizabeth Hardick, ele a traiu várias vezes, a primeira em 1952.

O poema em questão, possui duas vozes, a segunda, que aparece a partir da segunda estrofe é a voz de Marie; a primeira está presente na primeira estrofe e apresenta Marie deixando claro a desconsideração que ela vem sofrendo desde quando deu à luz: “[...] *only women thought her one/ King Henry pirouetted on his heel/ and jested, ‘Look, my cow’s producing veal’*”. Nota-se nesses versos a linguagem violenta que a poesia confessional emprega, através dela, percebemos que não houve nenhum respeito do rei para com o momento de fragilidade de sua esposa. Além disso, quando a primeira voz diz “[...] *only women thought her one/*” conota que, além de Madie, o rei tinha outra, ou outras em sua vida, ela, portanto, não seria “the one”, demonstrando a possibilidade da existência das traições.

Nesse sentido, uma vez que a melancolia em Freud e como estado antropomórfico não opera na exatidão dos elementos conscientes, o desenvolvimento desse estado pode ser influenciado por situações de ofensa, desprezo, decepção, o que causa revolta e consequentemente raiva e tristeza. Essa primeira estrofe exprime claramente essa desconsideração pela qual passa o segundo eu do poema. Esse segundo eu – Marie de Medice – continua narrando o poema, demonstrando, da segunda estrofe em diante, as consequências que a revolta, a raiva e a tristeza trouxeram. Vieram brigas fortes e violentas descontadas na mobília: “*O cozy scuffles, soft obscenities,/wardrobes that dragged the exchequer to its knees,/ cables of pearl and crazy lutes strung tight—/O tension, groin and backbone!*”

Contudo, como na melancolia, a constelação mental de revolta se volta contra o próprio ego, Marie de Medici passa a se culpar, a auto recriminar-se, auto degradar-se, indicando que sua autoestima está abalada. Primeiro, se chama de mentirosa: “*I kicked the pillows and embroidered lies*”. Depois, se coloca como culpada pelo comportamento do marido: “*Alas, my brutal girlish mood-swings drove/ my husband, wrenched and giddy, from the Louvre, / to sleep in single lodgings on the town.*” Isso acontece, como explicitado na seção teórica, porque o melancólico não se desvincula completamente da pessoa amada que lhe fez mal, devido aos sonhos, expectativas, lembranças e outras questões inconscientes ligadas a ela. Então, essas questões, são adicionadas ao ego enquanto objeto de amor e na

tentativa inconsciente de punir esse objeto o melancólico se auto degrada, critica a si mesmo, justamente o que ocorre com a segunda voz do poema.

A expressão “*Alas*” usada na segunda estrofe demarca o sofrimento, a dor, de Marie. Essa é uma expressão arcaica usada para exprimir tristeza, piedade, desapontamento e preocupação, principalmente quando a situação não parece ter solução. Por meio dela o eu poético revela seus sentimentos, demonstra-se triste, angustiado. Tais sentimentos são correlatos da melancolia são sintomas que demonstram que ela está presente. Assim sendo, conseguimos encontrar traços da melancolia nesse poema por meio da revolta, de seus sentimentos correlatos, bem como, da expressão da diminuição dos sentimentos de autoestima do eu melancólico.

Ademais, quando o melancólico expressa a diminuição da sua autoestima por meio da autocrítica, ele almeja ser julgado e punido: “[o] rebaixamento do sentimento de autoestima, que se expressa em autorrecriações e autoinsultos, chegando até à expectativa delirante de punição.” (Freud, 2018. p. 209). Por esse ângulo, Marie apresenta, na última estrofe, quem vai puni-la: seu filho. Fazendo um paralelo com o sujeito histórico Marie de Medici, a rainha, após a morte de seu marido, ficou na regência do reino da França até depois que o filho completou a maior idade querendo manter o poder, porém, através de um golpe de estado, Luis XIII, toma o poder e exila a mãe da corte. Voltando a Marie, o eu do poema, é como se ela esperasse que, no futuro, seu filho, que ainda se apresenta no colo dela criança, a punisse, pela forma que tratou o pai dele, o rei, por ter herdado o reino, ao ver dela sem merecimento. Por fim, ela se descreve como criminosa: “[...] *By repeated crime, / even a queen survives her little time*”, e perde perdão ao marido já morto: “*pardon the easy virtues of the earth.*”

Outro poema que mostra a face torturadora da poesia confessional é *Skunk Hour*. Escrito entre agosto e outubro de 1957 e dedicado a Elisabeth Bishop, poeta e amiga de Lowell. O poema foi inspirado no poema “*The Armadillo*”, de Bishop. *Skunk Hour* se passa em *Damariscotta* no estado do *Maine, USA*, onde Lowell morou com Jean Stafford. O eu lírico do poema começa falando, em terceira pessoa, dos outros habitantes da cidade – moradores da vila *Damariscotta Mills*, onde ficava a casa de Lowell e Jean, mas depois passa para o diálogo pessoal em primeira pessoa confessando sua turbulência interna. Lowell parece ter trazido de forma metafórica seu próprio conflito interno, fruto do transtorno maníaco-depressivo que possuía. No início do poema, o sujeito poético aparenta recusar-se a dar atenção a esse estado que se desenvolve dentro dele, mas ao isolar-se enquanto anda a noite na *Main Street*, o eu lírico reflete sobre si:

Skunk Hour

(For Elizabeth Bishop)
Nautilus Island's hermit
heiress still lives through winter in her Spartan cottage;
her sheep still graze above the sea.
Her son's a bishop. Her farmer
*is first selectman **in our village**;*
she's in her dotage.

[...]

The season's ill—
we've lost our summer millionaire,
who seemed to leap from an L. L. Bean
catalogue. His nine-knot yawl
was auctioned off to lobstermen.
A red fox stain covers Blue Hill.

[...]

One dark night,
my Tudor Ford climbed the hill's skull;
I watched for love-cars. Lights turned down,
they lay together, hull to hull,
where the graveyard shelves on the town. . . .
My mind's not right.

A car radio bleats,
"Love, O careless Love. . . ." I hear
my ill-spirit sob in each blood cell,
as if my hand were at its throat. . . .
I myself am hell;
nobody's here—

only skunks, that search
in the moonlight for a bite to eat.
*They march on their soles up **Main Street**:*
[...]

(LOWELL, 2007, p. 94-95. Grifos nossos)

O sujeito poético confessa que há algo dentro dele que o absorve, mas não tem consciência exata do que seja, sabe apenas que a mente não está certa: "*My mind's not right.*". Isso se aproxima da melancolia Freudiana na medida que o melancólico não sabe o que é que causa esse estado. Freud explica que a melancolia é como uma ferida aberta, é um sofrimento penoso; de forma metafórica, essa ferida é expressa no poema, como algo que envolve corpo e sentidos dificultando a respiração: "*my ill-spirit sob in each blood cell, /as if my hand were at its throat*". Na melancolia o ego se torna pobre, pois se agrega a causa inconsciente que origina a melancolia de modo que o melancólico volta contra si, tudo que, inconscientemente, gostaria de atribuir a essa causa irrefletida. Então, o próprio melancólico se torna vilão de si

mesmo, como se fosse responsável pelo seu estado: “*I myself am hell*”, e, por isso, se autotortura. Logo, ao confessar que existe algo dentro de si mau – *il-spirit* – ele se permite ser julgado e até mesmo incompreendido.

Portanto através das cinco poesias representativamente apresentadas inferimos que é possível encontrar aspectos melancólicos nas poesias de Robert Lowell muitas das quais trazem elos autobiográficos evidentes, conectando poesia confessional e Melancolia. Nesse sentido, a poesia moderna escrita por Lowell empenha estratégias de resistência poética, na medida em que ressignifica estados e sentimentos humanos rejeitados em um todo articulado que leva o indivíduo leitor a refletir sobre si e sobre os problemas do mundo evidenciando, pois, aspectos do lento e contínuo processo de humanização.

A poesia de Lowell também empenha a paródia, estratégia de resistência poética, como visto em *Beyond the Alps*. Nessa poesia, embora Lowell não parodie um gênero literário em si que já está em discordância com os valores sociais, o autor parodia um fato, que já não parece condizer com a realidade marcada pela razão, pela prova científica dos fatos. Isso nos faz refletir sobre as mudanças sociais e desencanto do mundo aguçando nosso traço humano de penetrar nos problemas da vida. Logo, a lírica lowelliana desvela estratégias de resistência poética em conformidade com e por meio do processo de humanização.

Diálogos finais: a poesia enfim resiste e humaniza

Essa pesquisa articula a resistência poética por meio da humanização através de traços de melancolia, como elemento lírico, em perspectivas confessionais, expressas na lírica de Robert Lowell. Para isso, buscamos investigar como a melancolia aciona aspectos da humanização e, conseqüentemente, a potencial resistência poética da escrita confessional de Robert Lowell. Para melhor atender a esse objetivo geral, o dividimos em três objetivos específicos. O primeiro deles foi apontar como a poesia resiste na sociedade contemporânea e como a humanização por meio da melancolia pode ser uma estratégia de resistência poética. Mostramos, então, na primeira seção, que entre as várias formas que a poesia resiste, está a ressignificação de estados humanos vinculados ao negativo. A melancolia é um deles. Observa-se, portanto, que independente do tempo em que a poesia foi escrita, ao ressignificar esses estados rejeitados – no caso, a melancolia – ela consegue levar o indivíduo leitor a refletir sobre sua vida pessoal e sobre mundo, compreender suas emoções, apreciar a beleza da forma poética, dentre outros aspectos que evidencia em nós o processo de humanização.

Também objetivamos discutir sobre os aspectos conceituais da melancolia e como ela é forjada na poesia de Lowell. Para executar esse objetivo, explicamos sobre duas perspectivas conceituais melancólicas associando-as à literatura. Em conexão com esse segundo objetivo específico, o terceiro pretendeu analisar as características do estilo confessional na poesia de Robert Lowell relacionando-as a expressão da melancolia como aspecto salutar de base confessional. Conseguimos atender esses objetivos de forma conjunta, parte na seção teórica – na qual trouxemos as características da melancolia e do estilo confessional – e parte na seção de análise, em que mostramos a crueza da linguagem confessional na poesia de Lowell, bem como, como elos biográficos, no que tange a sentimentos, vivências e opiniões, se tornam elementos poéticos misturados a elementos ficcionais por meio dos quais a melancolia é expressa.

Ainda sobre esses dois objetivos específicos, mostramos, na seção de análise, como a melancolia pode ser tanto assunto, quanto motivador de criação, pois o eu lírico atrelado as experiências vividas do poeta, utiliza-se da sua dor, frente a consciência da finitude humana e perda do paraíso, como substrato poético e força de criação, aproximando-se dela de modo contemplativo, ou seja, trazendo as experiências doloridas como um todo articulado que se torna poema, como ocorre em *My last afternoon with uncle Deverox Wislow*. A melancolia enquanto resultado do paraíso perdido também é externada em *Beyond the Alps* pela articulação metafórica do inconformismo do sujeito poético de passar de uma cidade a outra, que representa de um tempo a outro. Ademais, a melancolia enquanto produto da consciência da finitude também se apresenta em *Home After Three Months Away* representada pelo uso de palavras que denunciam a ação do tempo.

Além disso, identificamos, nas obras de Lowell, traços da melancolia freudiana, assim, características como a baixa autoestima, revolta, dor, desconsideração, dentre outras, são expressas de forma simbólica e metafórica nos veros lowellianos como se ver em *The Banker's Daughter* e em *Skunk Hour*. Outrossim, no que tange aos sentimentos correlatos da melancolia, a nostalgia aparece em *Beyond the Alps*, por meio do saudosismo do paraíso perdido; o desespero se faz presente em *My last afternoon with uncle Deverox Wislow* devido ao medo frente a consciência da morte; e a tristeza se releva em *The Banker's Daughter* através da significação da expressão “*Alas*” dentre outras partes que podem ser vistas na análise. Portanto, diante dos resultados expostos, é possível ver que os objetivos pretendidos foram alcançados.

Nesse sentido, respondendo à pergunta de pesquisa – como a representação melancólica na lírica do poeta Robert Lowell revela aspectos do processo da humanização,

como resistência poética na sociedade contemporânea? – podemos dizer que a ressignificação da melancolia pela eficácia poética de Lowell desperta em nós as características imprescindíveis à nossa existência, que já temos dentro de nós e que fazem parte do processo de humanização, mas que às vezes estão adormecidas pela velocidade com que temos que dar conta dos nossos projetos e obrigações, pela cobrança interna e externa para sermos produtivos e aptos em nossa correria diária. No entanto, quando nos permitimos ler uma das poesias do autor, sobretudo, aquelas que foram demarcadas aqui, nos damos a oportunidade de sermos tocados pela poesia, e desfrutar das possibilidades de reflexão que ela pode nos proporcionar sobre nossa vida, nossos sentimentos, bem como, sobre as mudanças históricas e sociais que influenciam valores como bem se ver em *Beyond the Alps* nos humanizando por meio da mensagem.

Sob tais aspectos, a poesia lowelliana também nos lembra das nossas carências naturais, como o amor, nos humanizando, trazendo-nos de volta a nós mesmos. Em *Home After Three Months Away*, o sujeito poético se entristece de ter que passar tanto tempo longe da família, e sabe que está envelhecendo e que a vida é um sopro, por isso precisa aproveitar a companhia de quem se ama enquanto se pode. Nesse sentido, a poesia nos lembra dessa necessidade humana de amar e ser amado, desenvolvendo em nós a boa disposição para com o nosso próximo. Também traz encanto a nossa vida, nos fazendo recordar a infância, os paraísos perdidos que temos, o sonho, como se observa em *Beyond the Alps* e *My last afternoon with uncle Deverox Wislow* trazendo de volta a observação da beleza da vida, que às vezes abrimos mão em prol do cotidiano atarefado.

Por fim, a poesia ainda nos afina as emoções, permitindo penetrar nos problemas da vida na medida em que entendemos que assim como o eu lírico de *The Banker's Daughter* passou por uma desconsideração e se tornou melancólico se sentindo triste e revoltado, nós também podemos passar por isso, são as vicissitudes da vida humana. Portanto, ela nos faz conhecer com clareza nas emoções, mostrando sua face humanizadora quanto a expressão dos sentimentos. Por fim, a poesia de Lowell também nos humaniza quanto à forma, pois o autor escolhe as palavras, acontecimentos da própria vida e coloca em sua poesia de forma organizada, é por meio dessa organização, da poesia que vira obra, poema, que a mensagem pode atuar e então nos humanizar.

REFERÊNCIAS

ALCANTARA, Cassiane dos Santos; BARRETO JÚNIOR, Manoel. Melancólico sopro de vida: a poética de Sylvia Plath e a humanidade confessional. **Babel**. v. 9, n. 2, p. 1-17. dez,

2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/7628/5150>. Acesso em: 09 set. 2021.

ASSUNÇÃO, Wélida Cristina de Souza Muniz; BARRETO JÚNIOR, Manoel. Testemunhos entrecruzados da solidão: aproximações e distanciamentos humanizantes na poética de Elizabeth Bishop. **Babel**. v. 8, n. 2, p. 45-60, dez. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/5446>. Acesso em 5 jul. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. *E-book*. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-modernidade-liquida-zygmunt-bauman-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

BONDÍA, Larrosa Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de Experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Tradução de João Wanderley Geraldi. n.19. p.20-28, Jan/ Abr. 2002. Disponível em: <http://online.fliphtml5.com/aruh/dfgy/#p=1>. Acesso em: 19 jun. 2021

BARRETO JÚNIOR, Manoel. Poéticas modernas em expressão anglófona: destroços, fissuras e replicâncias. **Babel**. v. 4, n. 2, p. 12-25, dez. 2014. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/babel/article/view/1402/926>. Acesso em 09 set. 2021.

BENTO, Edilane Rodrigues. **Melancolia e poesia tecidas em Flor e Anjos: diálogo melancólico entre as poéticas de Augusto dos anjos e Florbela espanca**. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2008. Disponível em: <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-41972/melancolia-e-poesia-tecidas-em-flor-e-anjos--dialogo-melancolico-entre-as-poeticas-de-augusto-dos-anjos-e-florbela-espanca>. Acesso em 5 jul. 2022

BOSI, Alfredo. Poesia resistência. In: _____. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das letras, 2000.

CANDIDO, Antonio. Direito a literatura. In: _____. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 2010.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, v. 49, n. 90, p.207-220, jun. 2016. Semestral. Traduzido por Marilene Carone. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v49n90/v49n90a16.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2021

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Existence and Being**. Henry Regnery company: 1949.

HAMILTON, Ian. **Robert Lowell: A Biography**. London: Faber & Faber, 2011. Edição do Kindle.

HAMILTON, Saskia. **The Letters of Robert Lowell**. United States of America: Farrar, Straus and Giroux, 2007.

LOWELL, Robert Schriftsteller. **Life studies and For the Union dead**. New York: Farrar, Straus, and Cudahy, 1970. Disponível em: <https://archive.org/details/lifestudies00lowe/page/n9/mode/2up>. Acesso em 28 jun. 2021

LOWELL, Robert. **Life studies and For the Union dead**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2007.

NELSON, Deborah. Confessional Poetry. In: J. Ashton (Ed.). **The Cambridge Companion to American Poetry since 1945**. Chicago: Cambridge University Press, 2013. p. 31-46.

Marie de Médicis. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Marie-de-Medicis>. Acesso em 25 de jun. 2022

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**. São Paulo: Atlas, 2017

PAZ, Otávio. Poesia e Poema. In: _____. **O arco e a Lira**. Tradução: Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify. 2012.

_____. **Os signos em rotação**. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. 3º. ed.: São Paulo: Perspectiva, 1996.

Pesquisa documental: conceito, exemplos e passo a passo. Disponível em: <https://blog.mettzer.com/pesquisa-documental/>. Acesso em: 27 ago. 2021

PHILLIPS, Robert. **The confessional poets**. Carbondale and Edwardsville: 1973. Disponível em: <https://archive.org/details/confessionalpoet00robe/mode/2up>. Acesso em 10 jun. 2021

SANTOS, Deribaldo. Trabalho, cotidiano e arte: uma síntese embasada na Estética de Georg Lukács. **Estudos Avançados**. v. 31, n 89, p 341-359. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/132435/128569>. Acesso em 5 jul. 2022.

SANTOS, Maria Elisabeth dos. Melancolia na literatura: o estatuto da negatividade. In: **Poéticas da negatividade: morte e melancolia em Não entres tão depressa nessa noite escura, de António Lobo Antunes**. Tese (Doutorado Literaturas em Língua Portuguesa.) – Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SantosEM_1.pdf. Acesso em: 14 jun. 2021

SILVA, LARISSA CANDIDO DA. **A cosmogonia em Hesíodo, Ovídio e Tolkien: a eterna contemporaneidade da mitologia na compreensão de universos**. 2018. Monografia (Bacharel em Letras – Português) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de comunicação e expressão. Florianópolis, p. 58. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/188918/A%20Cosmogonia%20em%20Hes%3ADodo%20Ov%3ADdio%20e%20Tolkien.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 31 jun. 2022